



RESENHA

O LUGAR DA LEITURA LITERÁRIA E A SUA MEDIAÇÃO NA ESCOLA

Flávia Cristina de Araújo Santos  <https://orcid.org/0000-0001-8930-7217>
Universidade Estadual de Campinas
flavia.aprender@gmail.com

Ezequiel Theodoro da Silva
Universidade Estadual de Campinas
profezequielsilva@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10947021>

Recebido em 09 de julho de 2023
Aceito em 27 de setembro de 2023

A coletânea *Mediação de leitura literária e formação de leitores: Ensino Fundamental I* traz reflexões e discussões de pesquisadores acerca da formação de leitores no ambiente educacional do Ensino Fundamental I, tanto voltadas para práticas de ensino e aprendizagem quanto para políticas públicas de fomento à formação inicial de leitores. São quatorze artigos produzidos por estudiosos contemporâneos (brasileiros e estrangeiros) que informam, problematizam e refletem descobertas teórico-metodológicas relacionadas às práticas de leitura literária na sala de aula.

A obra trata, mais especificamente, da transversalidade dos saberes e das práticas literárias no Ensino Fundamental I e apresenta um panorama de reflexões contemporâneas que abarcam as vertentes linguística, pedagógica, psicológica e antropológica da leitura da literatura. Nesse viés, a obra contempla diferentes estudos de pesquisadores e professores em literatura no intuito de proporcionar uma visão holística dos múltiplos saberes e fazeres da educação literária. Os capítulos sublinham a

expressiva importância do livro literário na dimensão identitária, relacional, histórico-cultural, literária e patrimonial das pessoas, a partir do ininterrupto devir histórico da escola, família e sociedade.

Em “Leitura, Literatura e Biblioteca Escolar: a formação de leitores críticos e reflexivos”, os autores descrevem a formação do leitor para além das bibliotecas escolares e tecem uma reflexão crítica da sociedade, tendo a família, escola e comunidade como mediadores do processo de apropriação da leitura. Quanto aos professores, a eles cabe assumir uma postura de também serem leitores para que produzam um repertório de saberes e recomendações de leituras, além de poder contar com um acervo de textos diversificados para planejamento de suas aulas. A postura de leitores atuantes, esperada naqueles que fomentam a leitura, deve estar presente também nos profissionais que atuam nas bibliotecas para que tenham objetivos claros e ressignifiquem o papel da leitura literária no contexto escolar. Enfatiza-se, neste capítulo, a necessidade de considerar a biblioteca escolar como parte do currículo e do planejamento pedagógico de todas as disciplinas, estimulando pensamentos livres, questionadores e críticos, promovendo o diálogo e discutindo impressões a respeito do que foi lido por outros leitores e assim somar, de fato, a projetos de formação de leitores competentes. Vale dizer que os autores deste capítulo se debruçaram na obra de Solé (1998), ressaltando as estratégias de leitura em três momentos: (a) antes da leitura; (b) durante a leitura; e (c) após a leitura, de modo que a formação dos sujeitos-leitores contemple práticas que levem os estudantes a continuamente produzirem significados aos textos.

A leitura é, obviamente um construto repleto de matizes, que envolve sobretudo os processos e as práticas de alfabetização. Pesquisas nacionais lineares tradicionais e as investigações contemporâneas reforçam a noção de que o ato de ler é aprendido. Dessa forma, Freire, Soares e seus pregressos, no artigo seguinte do livro, defendem a díade de desenvolvimento da leitura, centrada na alfabetização e no letramento, sendo esta uma condição sine qua non para a proficiência leitora. Costa e Bispo, em “Das leituras ingênuas às leituras esclarecidas: caminhos da mediação da leitura”, discorrem sobre a primazia das práticas de leitura, concluindo que leitores inexperientes apresentam uma leitura do tipo funcional ou mecânica, limitando-se apenas à memorização do código alfabético, sem a apropriação do sentido - ou possíveis sentidos - do texto.

As ações pedagógicas dos mediadores de leitura devem se voltar para práticas que tenham não somente o aprendiz-leitor, mas também o leitor veterano como destinatários. Desse modo, a alfabetização está para o letramento assim como o letramento está para a alfabetização, sendo que o desenvolvimento profícuo dessas práticas deve ser permeado por um ambiente alfabetizador que favoreça o ensino explícito da leitura mediante acesso a vários tipos de textos, a múltiplas experiências e vivências. Aprender a ler é uma atividade marcadamente laboratorial, uma vez que exige observação, experimentação, treino regular e análise, e processual (p. 44), além de predisposição intrínseca. Assim sendo, há de se considerar também o caráter motivacional da leitura, pois a motivação sustentará o prazer diante da diversidade de saberes que perfazem o caminhar da formação de leitores desde as leituras de compreensão mais ligeira até à compreensão de informações implícitas ao texto.

Isto posto, Souza infere que o acesso à cultura escrita se torna palpável desde que existam procedimentos instrucionais adequados, que elevem o desenvolvimento das habilidades de leitura para um patamar assentado nas contribuições da análise do comportamento. No capítulo “Contribuições da análise do comportamento para a formação de leitores no Ensino Fundamental I”, as discussões se traduzem na importância de entender o repertório comportamental do leitor perante as experiências

vicárias e das consequências diante das ações no ambiente. Adicionalmente, traz a visão de homem para Skinner enquanto sujeito agente, histórico e social. Os estudos de Souza refutam a escola como agência promotora de práticas estanques de ensino da leitura e afirma que a formação do leitor, segundo a Análise do Comportamento, é processual e requer treino (e utilização de vários métodos e estratégias, pois somos seres singulares e aprendemos de maneiras diferentes), estímulos (em vários ambientes da escola, no lar e comunidade e diversos tipos de textos e suportes) e reforço positivo (principalmente dos mediadores no planejamento de suas práticas no entendimento de que podemos ser modelos motivacionais e expressivos de leitura). Desse processo poderá resultar um efetivo comportamento leitor, ampliando o repertório de leitura do sujeito em termos quantitativo e qualitativo.

Partindo do pressuposto multidisciplinar das ações pedagógicas, percebe-se a necessidade de fazer a interface da leitura literária com os conteúdos propostos em sala de aula uma vez que muitos textos de literatura não contemplam processos ‘pedagógicos’, mas trazem a intenção de fruição, imaginação, prazer, motivação e reflexão tendo no horizonte o refinamento da consciência de mundo por parte dos leitores. A conduta leitora do docente contribuirá para que tal prática seja efetiva tanto para textos literários contidos em livros didáticos como em obras técnicas, conforme apontado no artigo “Literatura e leitura no contexto escolar: facetas de duas professoras alfabetizadoras”. As coautoras Ribeiro e Barcelos citam ainda problemas relacionados às práticas de incentivo à leitura em tempos de pandemia, mais especificamente no contexto EaD, e retomam a importância do papel mediador da leitura literária considerando as realidades e as especificidades de cada comunidade escolar e desenha o conceito de leitura como ruptura da alienação cidadã.

Sambugari, Nascimento e Galeano também tematizam os saberes e as práticas docentes da leitura literária e vão a campo para, a partir daí, delinear entendimentos epistemológicos acerca da formação de alunos leitores. O estudo “A leitura na prática pedagógica de professoras alfabetizadoras de Corumbá-MS: algumas considerações” contemplou a inserção da leitura na prática de quatro professoras alfabetizadoras por intermédio de entrevistas e sessões de observação em turmas de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I. Ao investigar a prática docente, é possível perceber concepções e intencionalidades que percorrem as ações didático-metodológicas, uma vez que o ensino de leitura e/ou leitura literária requer(em) ações planejadas. É necessário, pois, supor que não se forma bons leitores através da fragmentação dos textos literários e inseri-los nas páginas dos livros didáticos. Assim sendo, a formação do leitor competente deveria ser objetivo primeiro na educação básica a partir da perspectiva de que ler e escrever são condições primárias para as aprendizagens em uma sociedade letrada, além de conduzir processos identitários do texto-eu-mundo visando efeitos de longo prazo. Por extensão, os autores deste estudo reafirmam e enaltecem o papel da leitura de fábulas na constituição da ética e moral dos estudantes.

A escolarização da literatura é tematizada nos capítulos “O livro didático de língua portuguesa como instância de escolarização da literatura: a desautomatização do olhar em uma cor, duas cores, todas elas”, de Azevedo, e “Ler, contar e encantar: um projeto de leitura no Ensino Fundamental I”, escrito por Gusmão, nos quais os autores tematizam o ensino tradicional e retratam o uso textos literários como pretextos para atividades de gramática e ortografia. Tal prática pode levar à desconstrução do sentido literário da obra uma vez que dificulta a fruição da forma originária dos textos.

Diante de uma amostra de atividade exposta no livro didático Ápis, Volume 1, Azevedo relativiza o poema “Todas” da coletânea ‘Aí vem’ e traz o exemplo do uso do

poema como pretexto para trabalhar os fonemas /v/ e /f/ sem a intenção de um trabalho literário e adverte que a coletânea contempla apenas fragmentos de textos literários.

Vale ressaltar ainda que o texto literário vinculado ao livro didático, ou seja, deslocado do seu suporte original, dificulta a formulação de hipótese do gênero textual e compreensão do tipo de texto, assim como a antecipação da finalidade. Título, formato do texto e imagens, juntos, promovem sentido ao texto. A leitura inferencial que o leitor iniciante, especialmente criança, faz no primeiro contato com a estética do texto é de suma importância para atribuir sentido à forma global. Quando as ilustrações de um poema são modificadas para compor o livro didático, perde-se a essência e intencionalidade do autor e ilustrador da obra original, tornando rasa/superficial a experiência literária. Cabe-nos, portanto, aprofundar a reflexão do papel do docente na promoção de práticas que oportunizem aos estudantes o acesso à leitura literária no suporte físico original para que seja palpável aos alunos a interação com as características da obra literária e uma formação literária objetiva e significativa.

A linguagem não verbal dos textos literários também ganha destaque na obra aqui resenhada. O capítulo “Como ler contos ilustrados com as crianças? Algumas noções teóricas para uma mediação leitora consciente e crítica” destaca a semiolinguística textual que, segundo Feres, a autora do capítulo, é a relação que valoriza a forma e o sentido entre o texto e o contexto, a partir da qual são exigidos do leitor os efeitos de sentido da imagem com a sua própria sensibilidade e a inteligibilidade textual, afirmando ainda que “nenhum sentido emana do texto se ele é isolado do contexto” (p.188). Assim sendo, perpetua-se a necessidade de articular as semioses em dois argumentos ou mais, como o visual e o verbal em contos ilustrados, visando a compreensão do todo. O capítulo traz ainda discussões sobre a atuação docente direcionada ao desenvolvimento frutivo e crítico do leitor.

Fleck, Souza, Oliveira e Santos ampliam o nosso olhar a respeito do leque de concepções de intertextualidade a partir da leitura sensorial. Ao ler por meio dos sentidos, as possibilidades de letramento se tornam mais viáveis na medida que estimulam o prazer e o gosto pela leitura. Como já exposto, a leitura não começa somente quando um estudante segura o texto nas suas mãos, mas quando o professor começa a gerar expectativas e aguçar sentidos para o ato de ler, fazendo com que as reflexões saltem para além dos muros da escola. Tal constatação foi perceptível a partir das oficinas literárias temáticas mencionadas no capítulo “Da literatura à pintura: uma prática interventiva na formação do leitor-literário do Ensino Fundamental I” e a atribuição de mais sentidos pela exploração de textos literários por outras áreas como as de artes visuais e cinematográfica.

Os estudiosos Conceição e Rodrigues apresentam o embasamento teórico de ensino e leitura literária na prática. “Quem soltou o pum? – Relato de experiência e leitura” é um convite para mediação da narrativa que encanta todas as idades, deixando fluir o imaginário e enredo. Grazioli e Taufer, por sua vez, apresentam “A literatura para a infância na escola: os contornos que não podem ser esquecidos”, dando ênfase aos letramentos literários que potencializam as práticas de leitura, visto que a literatura poderá ser uma porta de entrada para o prazer de ler. Estes capítulos ressaltam a importância da leitura literária e da formação de leitores desde a tenra idade visando o desenvolvimento integral da criança. É importante evidenciar que as práticas de mediação literária devem ser contínuas de tal forma que a família também estabeleça um elo entre o livro e o sujeito leitor. Não existem práticas didático-metodológicas milagrosas que levem nossas crianças a adquirirem o gosto para a leitura; no entanto, é preciso oportunizar momentos para ouvir, contar e ler textos literários. Ao ler, mobilizamos sentidos, valores e sentimentos necessários para ampliação da nossa visão

de mundo. Desta forma, Grazioli e Taufer deixam explícito o entendimento de que a literatura está na nossa vida, no nosso imaginar, no sentir, na forma de reinventar e de transformar o mundo e a nós mesmos.

Até aqui observamos que a formação de leitores deve estar alicerçada em práticas consistentes de forma que o ato de ler seja uma constante para além dos muros da escola. O capítulo “Mediação de leitura em tempos de pandemia: a utilização do rádio como ferramenta na formação de leitores nos anos iniciais”, de Lima, explicita as possibilidades de fomento ao letramento literário no contexto familiar. Tais práticas se tornaram evidentes e necessárias durante o isolamento social em meio à crise sanitária interposta pelo vírus da Covid 19. A pandemia provocou um verdadeiro vórtice do qual docentes desta nação se viram na necessidade de mediar o ensino com diferentes tecnologias, sobretudo as digitais. Nesse sentido, Lima evidencia os desafios para os processos educacionais e desestabiliza paradigmas sobre mediação de leitura a distância. O autor justifica que as leituras de palavras e do mundo, à princípio estão presentes na relação familiar e devem permanecer com os sujeitos por toda a sua vida em sociedade. Somos todos corresponsáveis pela formação de leitores e devemos contribuir para o constante acesso à informação e aquisição de conhecimento.

Notoriamente, a pandemia desafiou professores a utilizar os materiais didáticos e metodologias de ensino da leitura que atendessem a particularidades do momento: estar a distância e formar leitores literários. Em vista disso, Lima delineou os fundamentos teóricos do capítulo a partir da premissa de que a construção de sentidos e a apreciação do texto não se realizam apenas com a apresentação de obras escritas. Os discentes precisam compreender que a mediação literária não é uma prerrogativa da aula de Língua Portuguesa, mas uma prática contínua que se prefigura no tempo e no espaço, para além da sala de aula.

Dentro desta perspectiva, a leitura de narrativas infanto-juvenis pela rádio local se tornou uma prática facilitadora e emancipadora, no período pandêmico, de acesso a textos literários. O professor/leitor pode, dessa maneira, utilizar como estratégia motivadora a imposição e/ou teatralização da voz além de quizzes contidos na obra, a fim de que os ouvintes/alunos pudessem ser levados a ligar para a emissora e responder as questões.

Finalmente e não menos importante nesta análise, Iguma e Arteman retratam a descontinuidade de políticas públicas para a formação de leitores no Brasil uma vez que a literatura vem perdendo espaço no ambiente escolar e o acesso ao livro é uma condição ainda inacessível para a maioria das pessoas. Assim, há de se considerar o contexto escolar como espaço fomentador de leituras por se situar dentro de uma sociedade grafocêntrica, conforme mostrado no artigo “A leitura literária como direito no Ensino Fundamental I: reflexões teóricas e práticas”. Com vistas a formar leitores autônomos e críticos, é imperativo o olhar para a formação inicial e continuada de professores e mediadores no cotidiano da escola de modo a assegurar práticas assertivas de fomento à leitura na escola e assim resplandecer a intenção, a perseverança e o prazer de ler.

Os estudos apresentados pelos coautores desta obra veem ao encontro dos nossos anseios e elucidam ideias e ações que provocam o pensar e o fazer literário na escola. Em suma, trazem inspirações para que professores possam tecer discussões formativas e políticas para a formação do leitor. Dessas acepções, podemos ressaltar a necessidade de práticas exitosas de incentivo à leitura do livro literário na sala de aula e biblioteca escolar, especialmente num país como o Brasil, de dimensões geográficas, históricas e culturais precárias, que limitam o acesso efetivo a obras literárias. Este livro se torna importante instrumento de leitura técnica por viabilizar saberes multidisciplinares da

leitura literária no Ensino Fundamental I e práticas efetivas que levem os estudantes do Ensino Fundamental a incrementarem suas percepções e os seus conhecimentos, atribuindo mais significações aos textos literários e, dessa forma, aprimorando-se enquanto leitor e robustecendo-se criticamente enquanto cidadão.

Referência

TAUFER, Adauto Locatelli; CUSTÓDIO, Pedro Balau; RAMOS, Wellington Furtado. Mediação de leitura literária e formação de leitores: Ensino Fundamental I. Jundiaí: SP. Paco Editorial. 2021. 304p.